



A bela e surpreendente Claudia Cardinale

Dona de um olhar expressivo e presença marcante, a atriz encantou os maiores diretores do cinema italiano com sua beleza e naturalidade

Não só os atributos físicos fazem de Claudia Cardinale uma das mais famosas atrizes do cinema italiano. Uma das grandes revelações da década de 50, atuou em mais de cem filmes de diretores renomados como Sergio Leone, Fellini e Werner Herzog. Dividiu a tela com atores como Burt Lancaster, Alain Delon, Marcello Mastroiani, Lee Marvin, Anthony Quinn, Helmut Berger e Klaus Kinski. Atualmente, esteve rodando “Astérix e as Olimpíadas”. No teatro, está em cartaz com “*Le zoo di Vetro*”, peça de William Tennessee, em Roma.

Claude Joséphine Rose Cardinale nasceu na Tunísia, em 1939. Filha de pais sicilianos, começou sua trajetória ao ganhar um concurso de beleza, aos 17 anos. Depois de resistir a diversas propostas, fez uma pequena participação no cinema local. Então, quando a família se transferiu para Roma, surgiu a oportunidade de estudar no *Centro Sperimentale di Cinematografia*, primeira escola de cinematografia do mundo, fundada em 1935. Ainda hoje, a instituição é fundamental para a evolução da interpretação e da direção teatral. Ali, a carreira de Claudia demora a deslançar até que, inesperadamente, surge uma proposta do diretor e produtor Franco Cristaldi para o filme “*Soliti ignoti*” (Os eternos desconhecidos), de 1958. Mais tarde, Cristaldi se tornaria marido e produtor da atriz.

Cardinale viveu o fim do neo-realismo, movimento caracterizado por registrar a arrasada sociedade do pós-guerra. O conflito mundial, até então retratado como crônica,

deveria agora, para diretores como Luchino Visconti e Vittorio De Sica, se transformar em história. A guerra já não era mais abordada criticamente, e seu relato, na verdade, se tornara estereotipado.

Dentro desse panorama, uma atriz de beleza exótica, personalidade marcante e genuinidade para interpretar a realidade das típicas mulheres sicilianas, não demoraria a ficar conhecida. Nessa época, o neo-realismo italiano já se ramificara e trazia, agora, novas vertentes que buscavam a exuberância interpretativa para mostrar outras questões da Itália, que não mais a intensa necessidade de lutar contra toda a crise econômica e social do pós-guerra.

É quando ocorre, simultaneamente, uma redescoberta da relação entre os personagens e a paisagem italiana. O destaque não era mais para um cenário bucólico, mas para algo que, de fato, contribuísse para o universo do personagem. A naturalidade e espontaneidade de Claudia foram ao encontro do que os diretores buscavam, e não foi à toa que, em 1963, ela se tornou musa de Federico Fellini, por sua interpretação em “*Otto e Mezzo*” (Oito e Meio), um dos mais criativos filmes deste diretor, cujo *alterego* se exprime no personagem de Marcello Mastroianni. Outro filme em que Claudia exhibe o talento com que cria seus mais diferentes personagens é “*Il Gattopardo*” (O Leopardo, 1963), de Luchino Visconti, que também a dirigiu em “*Rocco e i suoi fratelli*” (Rocco e seus irmãos, 1963), duas obras que renderam à atriz grande prestígio e sucesso.

Assista

Igualmente marcante foi o papel de Cardinale como vítima sobrevivente do Holocausto, em *“Vaghe stelle dell’Orsa”* (As vagas estrelas da Ursa, 1965), também de Visconti. Em *“La storia”* (A história, 1986), de Luigi Comencini, fez outra interpretação memorável, no papel de uma viúva que viveu no período da Segunda Guerra Mundial. Estes, no entanto, são filmes que ainda reportam as dificuldades vividas no pós-guerra.

Claudia Cardinale foi contemporânea de Anouk Aimée, Alain Delon e Anna Magnani, com quem fez diversos trabalhos importantes na Itália. Depois de ter sua carreira sedimentada no cinema italiano, fez algumas participações no cinema norte-americano. Começou com *“A Gatinha que eu quero”* (1969), interpretando uma garota siciliana, junto com Rock Hudson, no papel do capitão Mike Harmon. Ainda nos Estados Unidos, Claudia gravou *“A pantera cor-de-rosa”* (1963), ao lado de Peter Sellers. Mas Claudia nunca teve muito interesse em abandonar a cultura e a produção da Itália, onde começou a carreira.

Em 2002, a atriz recebeu o prêmio Urso de Ouro no Festival de Cinema de Berlim. Em 2005, foi homenageada no Festival de Cinema do Amazonas, ocasião em que recordou suas duas passagens pelo Brasil. A primeira vez nos anos 60, quando rodou o longa-metragem *“Uma rosa para todos”*, no qual protagonizou uma sambista. E a segunda em 1982, ano em que integrou o elenco de *“Fitzcarraldo”*. 📺



Imagens cedidas pelo site www.claudiacardinale.co.uk

Era uma vez no Oeste (*C’era una volta il West*)

Seguindo a linha do final do neo-realismo italiano, o diretor romano Sergio Leone busca durante todo o filme mostrar a realidade da vida no velho oeste, trabalhando com as sutilezas do tempo narrativo. Ao contrário do que costumava fazer em seus outros filmes, Leone valorizou o papel feminino. Jill McBain, interpretada com habilidade e graça por Claudia Cardinale, tem um papel central no contexto: à beleza da atriz, o diretor aliou o drama vivido pela personagem. McBain é uma ex-prostituta de New Orleans que se casa à distância com Brent McBain (Frank Wolf), proprietário de terras no Oeste. Após deixar a cidade grande, encontra no novo lar uma surpresa aterradora: sua futura família, marido e os três filhos dele, estão mortos. Sem pistas, iniciam-se as buscas pelo assassino.

O relato se passa no período mais decadente do faroeste americano, quando as pradarias e fronteiras longínquas são substituídas por ferrovias e civilização. O longa contribuiu para o renascimento do gênero “western” e do que se costumava mostrar sobre a região. No drama, as histórias de gangsteres e as relações de amizade são mostradas pelas lentes do diretor italiano de um modo particular, com tomadas longas e não lineares. A riqueza dos detalhes de cada ângulo e perspectiva surpreende, mostrando ao espectador um ponto de vista agudo e sensível.

Direção: Sergio Leone/**Ano:** 1968/**Duração:** 165 minutos

O Leopardo (*Il Gattopardo*)

Um dos grandes feitos do diretor italiano Luchino Visconti, *“Il Gattopardo”* foi baseado na obra homônima de Giuseppe Tomasi di Lampedusa. O filme ficou conhecido por não focar o tema da II Guerra Mundial, o que era comum naquele tempo em que a sociedade ainda lutava para superar as crises pós-conflito. Ambientado nos anos 1860, o longa mostra a decadência da nobreza e a unificação da Itália. A história descreve um retrato da família do príncipe de Salinas, a batalha de Palermo e a invasão das tropas de Garibaldi à Sicília. Don Fabrizio, o príncipe, muda-se para uma zona rural da ilha - Donnafugata. Seu sobrinho, o heróico Tancredi, depois de lutar junto com as tropas de Garibaldi, encanta-se em Donnafugata por Angelica Sedara. O papel da bela moça é interpretado por Claudia Cardinale, que mostra a espontaneidade e o charme da jovem por quem o revolucionário se apaixona. Com uma bela e surpreendente fotografia, o filme é marcado por belas cenas e por um colorido preciso. Efeitos de luz e figurino seguem em perfeita harmonia com o universo de cada personagem e com o momento histórico narrado. Na cena final do grande baile, a dialética latente da obra é tratada com a brilhante sutileza do diretor neorealista Visconti.

Direção: Luchino Visconti/**Ano:** 1963/**Duração:** 205 minutos

Entre os mais de cem filmes em que atuou, Cardinale trabalhou com os principais diretores da Itália, como Fellini e Visconti.